



4261 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT16 - Educação e Comunicação

Mídias, violência e (des)informação: Uma análise conteudística de reportagens e matérias das mídias tradicionais brasileiras sobre o bullying escolar (2007-2017)

Wagner Lins Lira - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Hugo Monteiro Ferreira - Universidade Federal de Alagoas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Neste trabalho discorremos sobre dados de uma pesquisa voltada à compreensão das relações entre as mídias brasileiras e o bullying escolar, tendo em vista investigações em andamento acerca de reportagens e matérias tangentes à temática; o que nos remete ao universo amostral de 1.511 documentos - publicados de 2007 a 2017 – que estão sendo analisados por categorias e subcategorias respaldadas na “análise dos conteúdos”. Todavia, os dados qualitativos já catalogados sinalizam para o papel das mídias, especialmente, das “mídias tradicionais” diante da “naturalização do fenômeno”, quando divulgam “falsas verdades”, que ampliam os níveis das violências da sociedade na escola. Ademais, aludimos para a importância e seriedade, que precisam ser concedidas à temática do bullying, especialmente no contexto brasileiro atual, onde vivemos avassaladoras temporadas de retrocessos rutilados por movimentos políticos extremistas a favor do desarmamento, da redução da maioridade penal, mas contra questões pontuais como esclarecimentos sobre gêneros, sexualidades, raças e etnias, dentre tantas outras distinções, que precisam ser esclarecidas, pois o preconceito delas advindo sustenta as “bases sociais” do bullying escolar.

Palavras-Chave: Violência. Preconceito. Mídia. Bullying. Sofrimento.

Introdução

O bullying é definido como uma vertente da violência escolar, onde detectamos fenômenos alusivos ao “desequilíbrio de poder” nas hierarquias constituídas na “atmosfera escolar”, resultando em sofrimento devido ao “silenciamento das vítimas”, que passam a sofrer agressões, intimidações e ameaças sistêmicas (AVILÉS MARTINEZ, 2006; 2013; CAMARGO, 2006; ROLIM, 2008; RISTUM, 2010; MEDEIROS, 2012). No Brasil, ainda destinamos mais atenção à “violência escolar genérica” do que ao bullying; uma atitude danosa, pois tais generalizações ofuscam as violências intimidatórias no âmbito escolar (ABRAMOVAY & RUA, 2002).

Seguindo as recomendações de Avilés Martínez (2003; 2006), Camargo (2006), Rolim (2008), Ristum (2010) e Medeiros (2012), insistimos na permanência do termo em inglês “bullying”, tendo em vista o rigor científico pelo qual o fenômeno é compreendido em sua complexidade. De todas as afirmações desencontradas em meio acadêmico e midiático, a que nos parece mais plausível – para compreender o fenômeno sem cairmos em ostracismos reducionistas - é a de que o bullying escolar reflete as violências da sociedade, especialmente, as “violências estruturais”, posto que, de modo geral, os sujeitos não são educados para conviverem com as diferenças. “Vítimas” do bullying são consideradas “diferentes” e tidas, entre seus pares, como “personificações do mal”; o “mal da normatividade” reforçado pela “discipliniridade moderna” (MAFFESOLI, 1987), onde os “agressores” exercitam o que Foucault (1979) e Veiga-Neto (2003) conceituaram de “poder pastoral”; um poder implícito na práxis dos atores a favor da normatividade. Nessa “microfísica do poder”, o diferente é rechaçado e evitado pela “lógica do contágio”.

O bullying no Brasil traz peculiar simbolismo permeado pela violência física e simbólica de caráter “machista, racista e classista” (CAMARGO, 2006; ROLIM, 2008; MEDEIROS, 2012; RISTUM, 2010). Em contrapartida, nossa “novelização midiática” traz o fenômeno como “epidemia” e “flagelo”. Outras vezes, indicam “vacinas” e “remédios”, quando não animalizam o fenômeno o considerando como “coisa de animais”. As vítimas são silenciadas pelas violências, o que as leva ao isolamento e, em casos extremos, às automutilações e suicídios.

Violências que geram sofrimento a curto e longo prazos, tangencialmente, problemas psíquicos – que afetam “vítimas”, mas também os “agressores” e a “plateia” – incluindo ansiedade, depressão, uso/abuso de psicoativos e insegurança na escola e fora dela. Sendo assim, acreditamos na urgência de compreendermos melhor as “bases sociais” do bullying escolar; este “brinquedo da morte”, bastante comum, invisível, embora persistente na vida de crianças e adolescentes. Na tipificação das violências inerentes ao bullying detectamos opressões condizentes ao gênero, à sexualidade, à raça/etnia, ao pertencimento religioso, às condições corporais, às doenças, à classe social e à ausência ou excesso de inteligência.

O universo da pesquisa

Partindo dos pressupostos das “análises de conteúdos” (BARDIN, 1977; ROCHA & DEUSDARÁ, 2006) elencados pelos principais meios de comunicação escrita e virtual no Brasil, os pesquisadores do GETIJ (UFRPE/FUNDAJ) vêm desenvolvendo análises - tangentes ao período de (2007 a 2017) – acerca das informações publicizadas na mídia sobre o bullying, envolvendo o período de Janeiro/2007 a Dezembro/2017. Para tal, fizemos uso de 02 plataformas de pesquisa - o “Google” e o “DuckDuckGo” - através desta chave de busca: “bullying escolar, reportagem, mês e ano”. Foram catalogadas 1.511 matérias agrupadas conforme dia/mês/ano da publicação, sendo as mídias alocadas nas categorias e subcategorias:

(1) **Mídias Tradicionais Nacionais.** Veículos de ampla circulação reconhecidos por sua historicidade hegemônica, uma vez estarem sob o controle das elites do país (CUNHA, 2012; SOUZA, 2015; HAUBRICH, 2016), podendo ser englobados ainda nas seguintes subcategorias: (1.1) 19 Revistas; (1.2) 06 Jornais impressos e digitais; (1.3) 16 Programas Televisivos; (1.4) 17 Portais da Internet.

(2) Mídias Tradicionais Regionais. Também consideradas mídias de grande circulação a nível regional, estadual e municipal. Cumprem com a função hegemônica das primeiras, pois também se encontram sob domínio das elites (CUNHA, 2012; SOUZA, 2015; HAUBRICH, 2016). É conveniente ressaltar que os casos de *bullying* escolar são mais comuns nestas mídias, pois retratam o fenômeno a nível local, trazendo “riqueza de detalhes” – mesmo em tom sensacionalista e policialesco – acerca dos casos, assim como os seus desdobramentos. Tais mídias foram alocadas em duas subcategorias: (2.1) 154 Jornais Escritos Regionais e (2.2) 24 Portais Regionais da Internet.

(3) Mídias Alternativas. 15 Veículos de recente circulação no país, sendo considerados “contra-hegemônicos”, quando buscam romper com o discurso das mídias nacionais oficiais (CUNHA, 2012; HAUBRICH, 2016).

É conveniente salientar que o material de análise ainda está sendo processado e analisado quantitativa e qualitativamente, cujos dados vão sendo alocados nas seguintes categorias e subcategorias: (1) Notícias Nacionais ou Estrangeiras; (2) Local do Caso/Reportagem; (3) Agressões por [(3.1) Raça/Etnia; (3.2) Gênero/Sexualidade; (3.3) Classe Social; (3.4) Condição Corporal; (3.5) Religião ou Falta dela; (3.6) Opção Política; (3.7) Estilo/Gosto; (3.8) Origem Regional; (3.9) Inteligência ou sua Ausência; (3.10) Doenças; (3.11) Sem Motivo Aparente]; (4) Casos de Crime/Justiça; (5) Casos de Suicídio/Tentativa; (6) Casos de Automutilação; (7) Casos de Estupro/Assédio/Abuso Sexual; (8) Casos de Retaliação das “Vítimas”; (9) Casos de *Cyberbullying*; (10) Perfis Vítima/Agressor; (11) Sinais/O que Fazer; (12) Casos de Intervenção Cirúrgica; (13) Casos de Indenização Financeira; (14) Modelos de Prevenção/Superação/Alerta; (15) Exemplos de “Celebidades” e (16) Entrevista/Pesquisa/Opiniões de “Especialistas”.

Neste trabalho analisaremos brevemente as duas primeiras mídias em suas subcategorias principais, sendo de nosso interesse, noutros trabalhos vindouros, realizarmos análises mais apuradas sobre estas e outras mídias.

Mídias tradicionais nacionais e regionais

Confirmamos que durante uma década a imprensa tradicional buscou criminalizar *obullying* diante de uma estratégia de combate de “efeito inverso” do tipo: “[Diga não ao Bullying](#)”. Ora, sabemos que em qualquer sociedade, quando uma temática se torna “tabu”, nunca há espaço para diálogo, pois a verdadeira razão do problema - preconceitos e discriminações naturalizados – não são discutidos nem enfrentados em suas “bases sociológicas”.

Levando em conta nosso universo analítico – o das reportagens das mídias tradicionais- detectamos que, quase sempre, as matérias mostram exemplos de “[celebidades](#)” e de como elas superaram *obullying*, reforçando o “mito da meritocracia”, que fundamenta nossa estrutura social (SOUZA, 2002; 2006; 2015). A [superação](#) dos conflitos – como tudo na vida - é lançada ao mérito da “vítima” e, a nosso ver, quem não consegue superar se vê ainda mais fracassado e frustrado.

Uma “novelização midiática” (SOUZA, 2002; 2015) que exacerba o [desejo](#) de “vigilância” e “punição” dos “culpados” (FOUCAULT, 1987), grande parte, identificados nas figuras de “[agressores](#)”, educadores e servidores “[negligentes](#)” e, nalguns casos, escolas, pais de “agressores”, Prefeituras e Estados são [condenados](#) ao pagamento de indenizações contra as “vítimas”.

A mídia segue em busca de “[sinais](#)”, que supostamente circundam o comportamento de “vítimas” e “agressores”, estigmatizando e tipificando os sujeitos. Sem rigor científico as produções não enxergam “vítimas” e “agressores” como “vítimas gerais” de outras violências que perpassam a escola, na medida em que a imprensa trata do ambiente escolar como *locus* da eclosão de conflitos tidos como “casos isolados”, reduzindo o fenômeno às brincadeiras, aos acidentes e às [agressões sem motivações](#), quando não acrescentam às matérias o adjetivo “[suposto\(a\)](#)”. As reportagens enaltecem a violência através da descrição das [retaliações](#) das “vítimas”, pois, aqui, quem tem o poder de revidar é considerado “herói”. Novamente caímos na “falácia meritocrática”, que retroalimenta as violências, taxando de fracassados os que não conseguem revidar ou superar o sofrimento.

Em termos gerais, a imprensa nos mostra poucas “soluções criativas” para lidar com o fenômeno, entre as quais aparece a decisão encontrada por alguns pais de transferir os filhos da escola, chegando a tentar educá-los na família. Conforme as notícias, o *bullying* já é “criminalizado” no Brasil, pois se pautam inapropriadamente da Lei nº 13.185 – sancionada pela Presidenta Dilma Rousseff em 09/11/2015 (MIRA, 2016) - abrindo espaço aos juristas, delegados e policiais, que passam – junto com psicólogos e pedagogos – a falar e emitir opiniões vulgares sobre o *bullying*.

No levantamento dos dados, ainda identificamos a problemática do “*ciberbullying*” (FONSECA, 2015) como prática comum dentre crianças e adolescentes; o que nos faz afirmar que, além de uma educação não preparada para o convívio com as diferenças, nossos jovens não são educados para conviver com as tecnologias, quando passam a utilizarem-na contra o outro no intento de agredi-lo nas redes sociais.

Os casos de [estupros](#), [espancamentos](#), [automutilações](#), tentativas e concretizações de [suicídio](#) e [homicídio](#), por outro lado, crescem disparadamente; o que nos faz perceber um grave movimento no Brasil destinado à educação “necrófila” e não “biófila” (FREIRE, 1968). Dessa feita, confiamos no papel crítico da educação para o urgente enfrentamento dos dilemas nacionais, pois reconhecer, dialogar e tratar do *bullying* configura-se um desafio pedagógico para a melhoria, tanto dos sistemas de ensino, quanto da qualidade de vida de crianças e adolescentes.

Considerações Parciais

A nosso ver, para intervir, prevenir e reduzir os danos causados pelo *bullying* são essenciais novas *práxis* inspiradas em capacitações continuadas, dialógicas e realistas, assim como o fomento de pesquisas, oficinas, atividades transdisciplinares e diálogos permanentes acerca das violências da sociedade pautadas no medo e no preconceito. Reafirmamos ser mais do que preciso que as escolas – e todos os setores da sociedade, incluindo a mídia - discorram e se apropriem conscientemente das “tônicas tabu”, cabendo à escola a função de trabalhar tais temáticas dentro e fora de seus domínios.

Ressaltamos ser o *bullying* escolar um específico fenômeno da violência que, para ser entendido, precisa ser notado em sua complexidade através de abordagens inovadoras, que abarquem a qualidade das relações nutridas entre a escola, a comunidade que a circunda, as famílias e a sociedade. Faz-se crucial compreendermos as práticas, os códigos e os discursos dos atores na ambiência escolar, mas sem esquecer-nos dos outros atores e agências que afetam direta ou indiretamente a convivência na escola, incluindo as produções midiáticas que fomentam e retroalimentam o senso comum com juízos de valor de cunho moralista e dicotômico.

Ainda carecemos de enfrentamentos pontuais contra a “ideologia do terror” - que se alastra pelo país - rutilada por políticos e grupos extremistas, que fomentam, dentre tantos absurdos, o néscio projeto “Escola Sem Partido” além de militarem contra o “Estatuto do Desarmamento” e a favor da redução da “maioridade penal”, ferindo preceitos e direitos constitucionais em tempos de golpe e rupturas institucionais.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Rio de Janeiro: Editora da UNESCO, 2002.

AVILÉS MARTINEZ, José Maria. **Bullying: el maltrato entre iguales. Agresores, víctimas y testigos en la escuela**. Salamanca: Amarú, 2006.

AVILÉS MARTINEZ, José Maria. **Bullying: Guia para educadores**. Campinas: Editora Mercado das Letras, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

CAMARGO, Carolina de Oliveira Giannoni. **"Brincadeiras" que fazem chorar: uma análise de alunos agressores na perspectiva do fenômeno bullying**. Trabalho de Conclusão (Curso de Pedagogia). Campinas: UNICAMP, 2006.

CUNHA, Sônia Regina Soares. **A mídia dos outros somos nós: A experiência audiovisual do Ponto de Cultura Cinema para Todos**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia). Natal: UFRN, 2012.

FONSECA, Patrícia Marques. **Bullying e Cyberbullying: Estudo do Fenômeno em Jovens Estudantes do Ensino Secundário**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Porto: UFP, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1968.

HAUBRICH, Alexandre Freitas. **Mídias alternativas em Porto Alegre: Processos comunicativos, mídiatização digital e cidadania na perspectiva de seus comunicadores**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). São Leopoldo: UNISINOS, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revistas dos Tribunais, 1987.

MEDEIROS, Alexandre Vinicius Malmann. **O Fenômeno bullying: (in)definições do termo e suas possibilidades**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Goiânia: UFG, 2012.

MIRA, Silvana Olinda Laurindo. **Bullying e educação: análise da lei nº 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática**. Trabalho de Conclusão de Curso (de Pedagogia). Maringá: UEM, 2016.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: o lingüístico e seu entorno. In: **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 22, 2006. (pp. 29-52).

RISTUM, Marilena. **Bullying escolar**. In: ASSIS, Simone Gonçalves *et al.* (org). **Impactos da violência na escola um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2010. (pp.95-120).

ROLIM, Marcos. **Bullying: o pesadelo da escola. Um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: Editora da UNB, 2002.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.